

## RESENHA: LA CENA DE LE CENERI

Raimundo Pedro Justino de Orlanda<sup>1</sup>

### REFERÊNCIA

BRUNO, Giordano. *La Cena de le Ceneri*. Roma: DigitalSoul, 2019, 130 pág.

O filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600) apresenta em sua obra *La cena de le ceneri*, uma nova organização do universo, indo além do que já havia dito o filósofo renascentista Nicolau Copérnico (1473-1543). A obra originalmente em italiano foi publicada no ano de 1584, quando Bruno estava em Londres, e pode ser considerada a mais importante dos diálogos italianos publicados pelo nolano. Pelo fato de que nela o autor aponta as bases de todo seu pensamento, pois além de abordar a sua nova filosofia que irá discutir sobre os aspectos cosmológicos, que mais adiante será solidificada em outras obras, como também o nolano apresenta a sua filosofia moral ou a crítica à religião, essa é outra discussão que também é muito contundente no pensamento do nolano.

Embora essa obra já tenha tradução em português, nosso trabalho foi realizado a partir da leitura de uma recente publicação do texto original em italiano. *La cena* é a primeira obra de Bruno escrita e publicada em Londres, está dividida em cinco diálogos protagonizados por quatro personagens, entre eles Teófilo, que pode ser considerado como porta-voz do autor. O texto descreve que o nobre Fulke Greville, na quarta-feira de cinza, convida Teófilo, o próprio Bruno, Giovanni Florio, tutor da filha do embaixador, um cavaleiro e dois acadêmicos luteranos de Oxford, os doutores Torquato e Nundinio, para jantar.

A obra bruniana é iniciada com um breve poema dedicado "Al mal contento", ou seja, ao leitor excessivamente crítico e insatisfeito do conteúdo: para ele, Bruno aconselha a não atacar um tema evidentemente fora de seu alcance e, portanto, não adequadamente

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Única de Ipatinga (ÚNICA), especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário INTA (UNINTA).

compreendido, mas seguir a indicação evangélica que requer não espalhar o joio no campo dos outros.

Em seguida o autor apresenta a *Proemiale Epístola*, uma carta dedicatória para Michel de Castelnau, o embaixador francês na corte de Elizabeth I, em cuja casa Bruno esteve nos últimos dois anos na Inglaterra. Com o tom cerimonioso e enfático de uso nessas ocasiões, o nolano convida seu protetor para um banquete particular, aquele realizado na noite do primeiro dia da quaresma em 1583 (por isso chamado “jantar das cinzas”) na casa londrina do nobre Fulke Greville. Nessa carta o autor também apresenta uma breve exposição do conteúdo dos cinco diálogos, bem como a apresentação contextual dos personagens participantes da discussão.

Bruno adverte que o diálogo é "histórico", e que, portanto, por vários motivos estão interligados, e que além do caráter científico, é composto por: poesia, comédia, ensino, louvor, demonstração, matemática, física, moralidade. Para o autor todos eles são igualmente importantes. E aqui, é claro, Bruno tem a oportunidade de lançar uma flecha contra os professores de Oxford que, chamados a ouvir e discutir as ideias de Bruno mostraram-se tão presunçosos quanto ignorantes: portanto, esse quadro de professores não é digno das doutrinas aí sustentadas e certamente não no nível especulativo que Bruno queria manter. A carta termina com o louvor de Henrique III, rei da França, que Bruno conhecera em sua estada anterior em Paris e a quem ele havia dedicado o texto: "De umbris idearum". E segue-se os diálogos.

Os personagens do primeiro diálogo são, além de Teófilo, a testemunha discipular dos eventos que expõe a teoria Bruniana, (i) Smitho, personagem certamente real, mas de difícil identificação; (ii) Prudêncio, que representa o tipo do pedante, (iii) e Frulla, também personagem fictício. O diálogo começa com Smitho questionando Teófilo sobre o encontro do nolano, que ele testemunhou, com dois professores da Universidade de Oxford e o debate sobre a nova filosofia cosmológica. Em sua história, Teófilo traça um retrato medíocre de seus interlocutores, dizendo que são ignorantes e não muito refinados.

Depois de uma invocação ritual às Musas, Teófilo conta como alguns dias antes os mensageiros de um nobre inglês, que estavam ansiosos para aprender sua interpretação da teoria de Copérnico e a nova filosofia, chegaram ao Bruno. O nolano respondeu alegando sua própria autonomia de pensamento em relação a Copérnico como a qualquer

outro. Em sua resposta a uma pergunta precisa de Smitho, Teófilo afirma que ele considera Copérnico merecedor de ter dissolvido os erros da antiga concepção aristotélico-ptolomaica (e como astrônomo ele era superior a qualquer outro do passado e do presente), embora não deixasse muito para trás já que se mostrou mais matemático do que físico e, portanto, não investigou os princípios "constantes e certos" (BRUNO, 2019, pág. 16) sobre os quais devia construir a nova teoria do cosmos. Apesar disso, ele deve ser creditado por ir contra a corrente e se opor à opinião geral, embora ele não tenha "razões de vida" (BRUNO, 2019, pág. 20) e possua apenas alguns fragmentos das antigas ideias heliocêntricas. Em qualquer caso, o maior elogio vai para Galileu, ele "que, na presença de todos os sentidos e razões, com a chave da inquisição mais solícita, abra os claustros da verdade, que abriremos, possuímos, cobriu a natureza velada" (BRUNO, 2019, pág. 20), um longo e sincero louvor é dedicado. Ele de fato renovou a imagem da natureza, mostrando a semelhança dos outros corpos celestes com nossa terra, abrindo nossos olhos "para ver este deus, esta nossa mãe, que nas suas costas alimenta e nutre, depois de ter produzido a partir do seu ventre, para o qual ela sempre reúne, e não pensar além dela para ser um corpo sem alma e vida, até mesmo uma escória entre substâncias corporais" (BRUNO, 2019, 21). Ele nos ensina que há apenas um céu e "uma razão etérea e imensa" (BRUNO, 2019, pág. 21) que regula o movimento das estrelas; e assim somos induzidos a "descobrir o efeito infinito da causa infinita, o verdadeiro e vivo vestígio da força infinita; e temos uma doutrina a não ser buscar a divindade removida por nós, se a tivermos depois, ou melhor, de dentro, mais que nós mesmos estamos dentro de nós" (BRUNO, 2019, pág. 21). A celebração de Bruno culmina com uma longa citação de um poema de L. Tansillo que conclui com a exortação "deixar as sombras e abraçar a verdade; não mudar o presente com o futuro" (BRUNO, 2019, pág. 22).

No decorrer do diálogo, Prudêncio declara querer aderir à autoridade dos antigos, porque "na antiguidade é a sabedoria" (BRUNO, 2019, pág. 30), Teófilo responde "que somos mais velhos e temos uma idade mais longa que os nossos predecessores" (BRUNO, 2019, pág. 30), como de fato demonstra o mesmo Copérnico para os astrônomos antigos. Além disso, qualquer opinião, mesmo que falsa, antes de ser antiga era nova na época em que foi expressa. Portanto, Teófilo responde, os sábios são poucos e o que é comum e geral é de pouco valor, então "é mais seguro buscar a verdadeira e conveniente saída da

multidão". Persuadido, Smitho pede para finalmente ouvir a filosofia do nolano. (BRUNO, 2019, pág. 32)

Inicia o segundo diálogo, quando Teófilo conta como o nolano foi questionado um dia por Fulke Greville sobre suas razões para o movimento da Terra. O nolano recusa-se a responder porque não sabe o grau de preparação de seu interlocutor, a quem propõe antes deixar-se encontrar com expoentes da concepção oposta à sua para poder comparar com eles. O nolano, ao declarar sua disponibilidade, recomenda ao seu hóspede, que lhe dá amplas garantias, não para fazê-lo falar com "pessoas ignóbeis, malcriadas e com pouca intenção em tais especulações" (BRUNO, 2019, pág. 35), quando o anfitrião disse ter feito outros convites para o jantar. Dá-se em seguida um longo discurso que descreve todo o caminho de nolano no dia combinado para chegar ao local do jantar.

No terceiro diálogo já participam os dois professores de Oxford Nundinio e Torquato. É iniciado com a pergunta de Nundinio se o nolano entendia inglês. Essa é mais uma oportunidade que o autor encontra para lançar uma crítica à ignorância dos professores oxonienses que não sabem nada além de seu idioma e um pouco de latim. Adiante Nundinio questiona o nolano sobre a teoria heliocêntrica de Copérnico, mas já a partir da formulação da questão entendemos que ele não possui um conhecimento em primeira mão dele. Bruno apresenta a sua interpretação da teoria copernicana e explica sobre o movimento dos astros no sistema solar, dizendo que a partir da observação da luminosidade dos astros é possível percebermos as distâncias entre si e seus movimentos. Smitho extrai facilmente as conclusões lógicas desse discurso de Teófilo: um corpo luminoso maior, irradiando com sua luz um corpo opaco menor, "da sombra conoidal produz a base em seu corpo opaco, e o cone, além disso, na parte oposta: (...) a conclusão desta razão é que o sol é um corpo maior que a terra, porque envia o cone da sombra do que está próximo à esfera de Mercúrio, e não passa além" (BRUNO, 2019, pág. 61). Da mesma forma, Teófilo diz, "um corpo luminoso menor pode iluminar mais do que a luva de um corpo opaco maior" (BRUNO, 2019, pág. 64).

O diálogo continua com outra objeção de Nundinio sobre o movimento da Terra, afirmando ser impossível porque ela está no centro do universo e, portanto, é "fundamento fixo e constante de todo movimento" (BRUNO, 2019, pág. 70). A resposta do nolano é simples, diz que, como Copérnico e muitos outros entenderam, basta segurar o sol para

estar no meio do universo, e, portanto parado e fixo, pois deram um termo circunferencial ao universo, porém para ele que concebe o universo como infinito e, portanto, sem qualquer corpo que ocupe o centro ou a periferia, esse argumento não é válido, pois "nós que vemos um corpo aéreo, etéreo, espiritual, líquido, capaz de movimento e quieto, imenso e infinito, (...) sabemos com certeza que, sendo efeito e partindo de uma causa infinita e princípio infinito, deve, de acordo com sua capacidade corporal e seu caminho, ser infinitamente infinito" (BRUNO, 2019, pág. 71).

Finalmente Nundinio, propõe uma pergunta final, se é verdade que a terra gira para o leste, as nuvens devem fluir para o lado oposto "por causa do movimento muito rápido e muito rápido deste globo, que em vinte e quatro horas ele deve ter feito muito ao redor" (BRUNO, 2019, pág. 77). O Nolano diz-lhe que as nuvens e ventos são parte da terra, que inclui "todo o carro e todo o animal, que consiste em suas partes dissimilares" (BRUNO, 2019, pág. 77), dos mares às montanhas, às pedras e aos rios; portanto as nuvens se movem em harmonia com a terra e junto com "todos os acidentes que estão no corpo da terra" (BRUNO, 2019, pág. 71). Em conclusão, diz Teófilo, "com a terra, portanto, todas as coisas que estão na terra se movem" (BRUNO, 2019, pág. 71).

É no quarto diálogo que encontramos a defesa da filosofia moral de Bruno e a crítica à religião. Por exemplo, ele se inicia com a fala de Smitho dizendo que "a escritura divina (...) em muitos lugares menciona e supõe o contrário" (BRUNO, 2019, pág. 85). Teófilo responde afirmando que "os livros divinos devem estar à serviço de nosso intelecto, mas não podemos considerar as demonstrações e especulações sobre coisas naturais, tratadas neles, como se fossem filosofia" (BRUNO, 2019, pág. 85), pois o propósito da Escritura é prático e diz respeito ao sentido moral de nossas ações. Portanto, o legislador divino quando trata essas questões não fala a verdade sagrada, "mas deixa isso aos homens contemplativos, e fala ao vulgar para que, de acordo com seu modo de entender e falares passem a entender o que é principal" (BRUNO, 2019, pág. 85). Assim, a Escritura usa uma linguagem apropriada às "palavras e sentimentos comuns" (BRUNO, 2019, pág. 85). Portanto, nas questões naturais que têm como objeto a verdade, as palavras da Escritura não devem ser usadas como uma autoridade "e tomar como certo o que foi dito à semelhança" (BRUNO, 2019, pág. 85). Assim, observa Smitho, que por esse valor metafórico e prático da Escritura é possível reconciliá-la bem com a filosofia do nolano.

Após essas considerações, Smitho pede a Teófilo para retornar à história da conversa de nolano, referindo-se à intervenção do Dr. Torquato, apresentado como muito mais ignorante e arrogante do que Nundinio. Ele na verdade não traz argumentos, mas se dirige ao nolano acusando-o de reivindicar o título de mestre dos filósofos em vez de Aristóteles. Torquato levanta a seguinte questão: se a Terra se move, por que a estrela de Marte às vezes parece maior e às vezes menor? O nolano respondeu que "uma das principais causas (..) é o movimento da Terra e de Marte ainda para seus próprios círculos, de modo que agora ele pode estar uma vez mais distante e outra vez mais próximo" (BRUNO, 2019, pág. 91). Para finalizar o diálogo Torquato recolhe um papel e um tinteiro sobre a mesa e desenha o sistema planetário de acordo com os dois sistemas, ptolomaico e copernicano, afirmando ensinar uma lição ao nolano. Mas Bruno demonstra que ele está totalmente errado, mostrando que ele havia entendido mal Copérnico, afirmando que "Copérnico queria ter seu pescoço cortado, do que dizer ou escrever aquilo" (BRUNO, 2019, pág. 99). De fato, tendo trazido o livro de Copérnico, o nolano desmascara sua ignorância. Então Torquato e Nundinio, vistos derrotados, saem. Assim, a noite acabou e o nolano e seus amigos deixaram a casa de Greville e voltaram para suas respectivas casas. Assim termina a história do jantar de Teófilo, mas Smitho pede-lhe para conceder-lhe mais algum tempo para entender melhor a doutrina do nolano. Nisso consiste o quinto diálogo, não mais sobre o encontro para falar de Copérnico, mas a própria filosofia nolana.

O diálogo se abre imediatamente com um longo discurso de Teófilo, que expõe a cosmologia de Bruno, as estrelas e a terra estão todas fixadas no mesmo firmamento "que é o ar" (BRUNO, 2019, pág. 103). As esferas da teoria ptolomaica devem, portanto, ser eliminadas, "porque na mesma região etérea, como no mesmo grande espaço ou campo, esses corpos são distintos e com certos intervalos convenientes removidos uns dos outros" (BRUNO, 2019, pág. 103). Quanto ao fato de que há muito tempo se acreditava de que os céus eram sete para os planetas e um para as estrelas fixas, a razão consiste no "movimento variado, que foi visto em sete, e um regulado em todas as outras estrelas, que eles mantêm perpetuamente a mesma equidistância e regra" (BRUNO, 2019, pág. 103), de modo que para estes parecem "concordar com um movimento, uma ficção e um orbe" (BRUNO, 2019, pág. 103). Mas, se considerarmos o movimento da Terra e relacionarmos

esse movimento com o de outros corpos no ar, "podemos primeiro acreditar e depois concluir o oposto desse sonho e dessa fantasia" (BRUNO, 2019, pág. 103). Se isso é verdade, deve-se deduzir que é impossível para a lua mover o mar, para que peixes e outras coisas semelhantes sejam fertilizadas: não é causa, mas "sinal e pista de certa ordem e correspondência das coisas, e as leis de uma mutação que estão em conformidade e correspondem às leis do outro" (BRUNO, 2019, pág. 107).

Muitas filosofias caem nesse tipo de erro, trocando causas por efeitos, isso acontece porque as causas dos fenômenos são buscadas de maneira extrínseca, enquanto "o verdadeiro não-repugnante é o natural; e o natural, seja ou não, é princípio intrínseco, que por si só traz a coisa onde é conveniente" (BRUNO, 2019, pág. 108). Quanto àqueles que não conseguem pensar que um corpo tão grande e pesado como a Terra pode se mover, não está claro por que eles então admitem esse movimento para o sol, a lua e os outros planetas ao redor da Terra. Agora, nenhum corpo é pesado ou leve na posição ocupada, mas essas qualidades e diferenças "convencem as partes, que são separadas do todo, e que se encontram fora de seu próprio continente, e como peregrinas: não são menos naturalmente forçadas ao local do conservação, que o ferro em direção ao imã" (BRUNO, 2019, pág. 109).

Portanto, pedaços de terra não caem para nós do ar, "porque aqui está a sua esfera" (BRUNO, 2019, pág. 109); da mesma maneira, a água não é pesada em seu lugar natural e, de fato, permite que os corpos flutuem; então os braços não são pesados se forem colocados na posição correta no busto. Portanto, peso e leveza não são qualidades intrínsecas e absolutas das coisas, mas dependem de sua posição no cosmos em uma relação extrínseca com os outros elementos. "Tudo, então, que é natural, é muito fácil; todo lugar e movimento natural é muito conveniente. Com essa facilidade, com a qual as coisas que naturalmente não se movem permanecem fixas em seu lugar, as outras coisas que naturalmente se movem, marcam seus espaços" (BRUNO, 2019, pág. 110). Assim, a terra não é mais pesada que o sol, enquanto cada um permanece em seu espaço, e o mesmo se aplica aos outros elementos que cada um tem sua própria esfera de pertencimento, da qual eles se movem para alcançá-lo e consistir nele. Quanto ao ar, é "continente muito geral" (BRUNO, 2019, pág. 111), é o "firmamento dos corpos celestes" (BRUNO, 2019,

pág. 111), em todos os lados “sai, em todas as partes, por tudo o que penetra, por tudo o que se espalha”. (BRUNO, 2019, pág. 111).

Em tudo isso o homem não tem condição privilegiada: nós mesmos vimos e vamos, passamos e retornamos, "e não é a nossa coisa que não se torna estranha e não é uma coisa estranha que não se torna nossa". Os componentes do nosso ser formarão outros seres, assim como o nosso ser é composto de elementos derivados de diferentes gêneros. Nesse processo evolucionário, espírito e matéria se misturam e se transfundem mutuamente e vice-versa, tanto que não podemos dizer se são dois gêneros diferentes ou dois componentes do mesmo gênero. "Todas as coisas em seu gênero têm todas as vicissitudes de dominação e servidão, felicidade e infelicidade, daquele estado que é chamado de vida e o que é chamado de morte, de luz e trevas, de bem e mal"(BRUNO, 2019, pág. 114). Nada é eterno, exceto pelo assunto que está em contínua evolução. Segue-se que "a causa do movimento local é o fim da vicissitude, não só porque tudo é encontrado em todos os lugares, mas ainda porque assim tudo tem todas as disposições e formas" (BRUNO, 2019, pág. 114).

A moção local é, portanto, a única que existe e constitui o princípio de toda mudança e toda forma. Muitos exemplos retirados da experiência da natureza podem ser dados desse processo dinâmico (o mar nem sempre foi assim, muitos lugares na terra mudaram de forma, o que tem sido a terra não foi e nem sempre será, as fontes secam, os rios enchem ou se tornam mais finos, outrora Micenas era fértil e Argo seca, enquanto hoje é o oposto, as pedras espalhadas pelos campos da Provença mostram que, uma vez espancadas pelas ondas, o lugar chamado Porto, perto de Nola, mostra que o mar Chegou o tempo até os portões da cidade, no tempo de César a terra da França não era adequada para o cultivo da videira como é hoje – que significa que o Mediterrâneo se retirou para a Líbia, deixando a terra mais seca e mais quente, e que em alguns casos o mesmo Aristóteles conhecia e mantinha em mente, mesmo que não soubesse tirar as conclusões apropriadas, permanecendo enredado em seus esquemas falaciosos.

Mais uma vez solicitado por Smitho para especificar "os movimentos que são apropriados para este globo" (BRUNO, 2019, pág. 119), Teófilo prossegue especificando que o movimento da terra requer a coexistência de opostos "para que cada parte participe de toda vida, toda geração, toda felicidade" (BRUNO, 2019, pág. 120).

Conseqüentemente, os movimentos da Terra são de quatro tipos: a) o primeiro, para suprir a vida a si mesmo e às coisas contidas nele, e dar "como uma respiração e inspiração com o frio e a luz diurna e a escuridão" (BRUNO, 2019, pág. 120), consiste em girar em torno de seu próprio eixo em vinte e quatro horas para expor toda sua superfície ao calor e à luz solar; b) o segundo consiste em ir ao redor do sol por trezentos e sessenta e cinco dias "para a regeneração das coisas, que vivem e se dissolvem nas suas costas" (BRUNO, 2019, pág. 120); c) a terceira é aquela para a qual a relação que tem esse hemisfério superior da terra em relação ao universo é transmitida para o hemisfério inferior e vice-versa; d) finalmente, há um quarto movimento pelo qual a tendência do ápice da Terra para se mover em direção ao ártico se transforma na tendência do outro vértice em direção ao polo antártico. De todos os movimentos, é claro que é possível fornecer a medida com base em critérios determinados e adequados. Em qualquer caso, Teófilo afirma que: embora os movimentos todos coincidam em um composto; embora eles sejam chamados de circulares, esses movimentos não são realmente assim; que esses movimentos não são regulares e, portanto, não podem ser representados geometricamente. Dada a sua conexão (Teófilo representa todos eles no movimento de uma bola lançada ao ar), "aquele que não está estabelecido é suficiente para garantir que nenhum dos outros seja regulado; um desconhecido faz todos os outros serem desconhecidos" (BRUNO, 2019, pág. 120). Apesar disso, têm uma certa ordem segundo a qual se aproximam ou se afastam da regularidade, que é inversamente proporcional à proximidade do centro, de modo que a terra "primeiro tem o movimento de seu centro, que é anual, mais regulado que tudo, e mais do que outros semelhantes a si mesmo, segundo, menos regulado, é o diurno, terceiro, o não regulado, chamamos o hemisférico, quarto, muito irregular" (BRUNO, 2019, pág. 121). Depois dessa exposição, Teófilo ordena a Frulla que não divulgue a sabedoria para que ele não caia nos ouvidos indignos de pessoas que poderiam prejudicar o nolano e seus amigos; depois de anunciar o fim do jantar e do diálogo, pediu a Prudência que fizesse um epílogo moral de seu encontro.

Que podemos resumir em a) um desejo do nolano de encontrar uma audiência adequada ao seu conhecimento e preservar a amizade do Sr. de Mauvissier; b) um convite aos homens e cavaleiros de boa moral para acolher o nolano em suas casas e defendê-lo de maus encontros; c) uma oração a Nundinio e Torquato para serem compensados por

serem maus professores pelo tempo desperdiçado; d) a todos, no caso de um diálogo futuro, o pedido de melhor prova de si mesmo ou de permanecer em silêncio.

Contudo, *La cena* introduz ao leitor a qualidade do pensamento bruniano sobre a cosmologia, ele que é o primeiro a concordar publicamente com o sistema heliocêntrico, como ainda expõe a sua filosofia moral, falando sobre a interpretação da Sagrada Escritura, no cenário confuso das reformas religiosas, mas para separar a filosofia da teologia. E assim construímos a imagem desse autor ousado, valente e confiante. Esse debate continua nos outros diálogos italianos e nas obras latinas do autor, vale muito a pena continuar a leitura.